



CONSTRUÇÃO E ESTUDO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE E FIDEDIGNIDADE DO
INVENTÁRIO DIMENSIONAL DE AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO
INFANTIL

Mônia Aparecida da Silva

Tese de Doutorado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre/RS
Maio de 2017

CONSTRUÇÃO E ESTUDO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE E FIDEDIGNIDADE DO
INVENTÁRIO DIMENSIONAL DE AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO
INFANTIL

Mônia Aparecida da Silva

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Doutora em Psicologia
sob orientação da Prof^a Dr^a Denise Ruschel Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre/RS
Maio de 2017

Agradecimentos

Gostaria de começar essa sessão com uma frase atribuída a Isaac Newton que traduz, em grande parte, a minha trajetória no doutorado: "Se vi mais longe foi por estar de pé sobre ombros de gigantes". A escrita dos estudos a seguir resume um trabalho intenso, desenvolvido ao longo dos últimos quatro anos; para ser mais precisa, dos últimos três. A tese apresenta uma parte de tudo o que foi feito, mas certamente nela não está registrada toda a intensidade dos "bastidores" e todas as pessoas envolvidas neste trabalho, e que o tornaram possível. A construção do Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil, IDADI, foi, e está sendo, um trabalho a muitas mãos, e para ser factível não teria como ser diferente. Provavelmente, eu gastaria um enorme volume de páginas se decidisse relatar a participação e agradecer devidamente às inúmeras pessoas que ajudaram com esta tese. Como isso não é possível, vou ceder ao desafio de citar nas próximas páginas os inúmeros gigantes que me sustentaram para que eu pudesse enxergar mais longe, concretizar este trabalho e chegar até aqui.

À minha orientadora, Professora Dra. Denise Bandeira, por ter me acolhido e sido receptiva antes de me conhecer pessoalmente. Denise, a nossa relação ao longo destes anos foi muito melhor do que eu imaginava: amistosa, respeitosa e desenvolvida com competência, empenho e total disponibilidade. Na convivência diária, obrigada por me ensinar constantemente lições sobre a importância de não saber e de perguntar a quem tem maior conhecimento, de expressar minhas ideias e opiniões, sobre a humildade acadêmica e valorização de cada pessoa no que ela tem de melhor. Espero que eu me inspire em suas qualidades quando for professora e que nossa parceria acadêmica e na vida continue por muitos anos.

À minha família, que ajudou a construir as bases fundamentais para que eu pudesse chegar ao doutorado e concluir mais essa etapa. Vinda de uma região simples, com poucas condições financeiras, nunca me faltou apoio para estudar. Especialmente agradeço à minha mãe, Ângela, que se desdobrou tantas vezes para oferecer tudo o que me era essencial. Aos meus avós, e também meus pais, Maria Augusta e José Augusto (*in memoriam*), cujo amor e suporte fundamental me ajudaram durante a graduação. À minha irmã Lílian, pelo seu amor, incentivo e disponibilidade e por ter assumido tantas coisas para que eu pudesse vir para Porto Alegre. Ao meu irmão Neimar, pelo incentivo e apoio ao longo desses anos. Ao meu pai, José Marcos (*in memoriam*), pelo orgulho que sempre demonstrou em relação ao meu sucesso acadêmico. Aos meus primos e tios mais

próximos, por todo o apoio, compreensão das distâncias físicas e, por vezes, falta de contato. Especialmente à Tatiane, por toda torcida, apoio e ajuda com o grupo focal e coleta em Minas Gerais. Obrigada pelo orgulho e incentivo que sempre manifestam quando estão comigo. Vocês são uma parte essencial da pessoa e profissional que estou me transformando.

Aos meus amigos, alguns deles verdadeiros irmãos, que tornaram essa caminhada possível. À Denise Yates, que se tornou uma grande amiga e me recebeu de braços abertos em Porto Alegre e no Centro de Avaliação Psicológica (CAP). Obrigada, Denise, por reconhecer e valorizar minhas capacidades muito mais do que eu mesma. À amiga Joice Sonego, pelas belas risadas, momentos compartilhados e leituras cuidadosas dos meus textos. À Li (Liége Silveira), amiga querida que acompanhou de perto todas as alegrias e percalços do doutorado. Obrigada por toda a ajuda, pelas leituras atentas dos meus textos, por me acolher, me abraçar, aliviar o peso dos dias. À amiga Lívia, presença constante nestes anos, sempre me incentivando e acreditando que eu ia conseguir. Obrigada pelos momentos de descontração, festas, programinhas caseiros e por todo o companheirismo durante o doutorado. À Sabrina Barroso, que desde a graduação fez mais por mim do que eu esperava ser possível. Presença constante para saber se “estou viva”, revisora cuidadosa dos meus textos, mão para me levantar de qualquer queda, em qualquer aspecto da vida, sua amizade é um dos maiores presentes que a vida me deu. Ao amigo Sérgio Oliveira, que esteve comigo de alma e coração durante o doutorado, construindo uma amizade que espero que dure para toda a vida. Serginho, você me ajudou de todas as maneiras que considero possíveis e me ouviu com toda a atenção nos momentos em que mais precisei. Palavras não seriam suficientes para agradecer tudo que você é e faz constantemente por mim. À amiga Tatiele, pela amizade, ajuda, saidinhas, caminhadas estratégicas para aliviar o estresse e por tantas vezes ter acolhido a minha ansiedade.

Aos amigos e colegas do GEAPAP, que tantas vezes discutiram o projeto e deram contribuições à tese. Especialmente ao amigo e parceiro de trabalho, Euclides Mendonça, fundamental para a realização desta tese. Obrigada pelo otimismo, competência, esforço e por constantemente me animar quando o trabalho pesou. Ao Wagner de Lara Machado pelas preciosas contribuições na discussão das análises estatísticas. À Bruna Mônico pelos “pitacos” na tese e contribuições no estudo de revisão sistemática. À Giovanna Cauduro, que como bolsista voluntária fez a digitação do banco de itens e também por todo o incentivo ao meu trabalho. Às amigas Vivian Lago e Beatriz Cattani pelas parcerias, ajuda e incentivos. Ao Chrystian e à Dai que me acompanharam de perto no

CAP. A convivência com vocês foi muito prazerosa e uma grande inspiração para o doutorado.

Aos bolsistas de iniciação científica que muito auxiliaram na coleta e transcrição dos dados: Álvaro Zaneti, Carolina Tirelli, Érica Prates, Fabiane Marcílio e Karolina Guincheski. Um obrigado especial à Julia Ennes, por muitas contribuições extras, organização do trabalho e pela competência e disponibilidade com que desempenhou todas as suas tarefas.

Aos amigos e estagiários do CAP com quem aprendi mais do que ensinei. Devo ao CAP e a todos os envolvidos um conhecimento sobre avaliação psicológica e psicopatologia que jamais aprenderia nos livros. Aos colegas e amigos do PPG, especialmente à Jaqueline Rodrigues pelas discussões e troca de ideias sobre a tese. Ao Jáder que sempre foi extremamente disponível em toda a ajuda que precisei. Aos professores do PPG-Psicologia UFRGS que contribuíram com tantos conhecimentos e, em especial, à professora Cleonice Bosa, pelo excelente trabalho de relatoria e discussões sobre as definições dos domínios de desenvolvimento. Às professoras Alessandra Seabra e Daniela Levandowski pelas valiosas contribuições ao projeto e, certamente, para a tese.

Às pessoas e instituições que foram fundamentais para a coleta presencial de dados no Rio Grande do Sul: aos alunos da Sociedade Educacional Três de Maio (Setrem), e especialmente à Professora Dra. Regina Basso Zanon, que não mediram esforços e ampliaram muito a amostra. Aos alunos da Faccat de Taquara, APAE de Erechim, especialmente à psicóloga Rosely, Escola de Educação Física da UFRGS, especialmente à Professora Dra. Nádia Silveira por possibilitar a parceria, e a doutoranda Eloá, pelo auxílio na coleta. À Sandra Sulzback, da Clínica da Aprendizagem da UFRGS e ao CEAPIA, especialmente à Sílvia. A todos que compartilharam *links* para a pesquisa *online* ou ajudaram na coleta presencial de dados em Minas Gerais, em especial, à minha prima Tatiane Inês Ferreira, Isabella Moraes e Wanda Conceição Barbosa.

As 1.336 mães que responderam a essa pesquisa e aos seus respectivos filhos, sem os quais estes dados não existiriam. As mães que participaram do grupo focal e do estudo piloto. Aos juízes do instrumento, fundamentais na etapa de validade de conteúdo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também a todas as pessoas que não foram mencionadas, mas que direta ou indiretamente me inspiraram, incentivaram ou ajudaram. Por fim, agradeço à Deus, minha força maior, presente em todos os momentos e tornando tudo possível.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- AERA - American Educational Research Association
- APA – American Psychological Association
- CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
- CA - Domínio Comportamento Adaptativo do IDADI
- COG – Domínio Cognitivo do IDADI
- CLR – Subdomínio Comunicação e Linguagem Receptiva do IDADI
- CLE – Subdomínio Comunicação e Linguagem Expressiva do IDADI
- IDADI - Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil
- GEAPAP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Psicológica
- MA - Subdomínio Motricidade Ampla do IDADI
- MF - Subdomínio Motricidade Fina do IDADI
- NCME – National Council on Measurement in Education
- SE - Domínio Socioemocional do IDADI
- TCT – Teoria Clássica dos Testes
- TRI - Teoria de Resposta ao Item

RESUMO

Título: Construção e estudo de evidências de validade e fidedignidade do Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil

A prevalência de crianças com atrasos no desenvolvimento em um ou mais domínios varia entre 16 e 18% na literatura, mas estima-se que apenas 30% dos casos são detectados pelos profissionais de saúde. Em parte, este déficit na detecção se deve à falta de utilização de instrumentos de avaliação ou rastreio. No contexto brasileiro são poucos os instrumentos disponíveis para avaliar desenvolvimento infantil e, além disso, os que existem apresentam limitações. A presente tese teve como objetivo construir o Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IDADI) para avaliação de crianças de zero a 72 meses com base no relato parental. Para a construção do IDADI, foram realizados três estudos. O Estudo I consistiu em uma revisão sistemática da literatura para identificar os instrumentos mais utilizados na avaliação dos marcos do desenvolvimento infantil e suas propriedades psicométricas. Ele forneceu as bases para a seleção dos domínios que integram o IDADI e para a construção de itens. O Estudo II realizou os procedimentos teóricos e metodológicos de construção do IDADI e a análise de evidências de validade de conteúdo. O Estudo III analisou as evidências de validade da estrutura interna do IDADI, a fidedignidade e as evidências de validade baseadas na relação com variáveis critério. Foram utilizados pressupostos da Teoria Clássica dos Testes e da psicometria moderna com a aplicação do modelo de Rasch. O processo de construção foi guiado com o rigor teórico e metodológico indicado pela literatura e apresentou evidências favoráveis de validade de conteúdo. Também foram comprovadas evidências de validade baseadas na estrutura interna, na relação com variáveis critério e de fidedignidade. Estes resultados fortalecem o potencial do IDADI para avaliação multidimensional do desenvolvimento infantil no contexto brasileiro, tanto na clínica como na pesquisa. Estudos futuros serão realizados para elaboração de normas de interpretação, de um inventário breve para utilização em programas de atenção infantil e de uma versão de tarefas para avaliação direta da criança.

Palavras-chave: Instrumentos de avaliação do desenvolvimento infantil; evidências de validade; evidências de fidedignidade; Teoria Clássica dos Testes; Modelo de Rasch

ABSTRACT

Title: Construction and study of validity and reliability evidences of the Dimensional Inventory of Child Development Assessment

The prevalence of children with developmental delays in one or more domains varies between 16 and 18% according to the literature, but it is estimated that only 30% of cases are detected by health professionals. In part, this deficit in detection is due to the lack of use of assessment or screening instruments. In the Brazilian context, there are few instruments available to evaluate child development, and, in addition, those that exist have some limitations. The purpose of this dissertation was to construct the Dimensional Inventory of Child Development Assessment (IDADI) to evaluate children from zero to 72 months based on parental report. For the construction of IDADI, three studies were carried out. Study I consisted of a systematic review of the literature to identify the most used instruments in assessing child developmental milestones and their psychometric properties. It has provided the basis for the selection of the domains that integrate IDADI and for the items construction. Study II have performed the theoretical and methodological procedures for the construction of IDADI and the analysis of content validity evidences. Study III have analyzed the evidences of validity for the internal structure of IDADI, reliability and validity evidences based on the relation with criterion variables. We used the assumptions of the Classical Test Theory and modern psychometric methods with the application of the Rasch model. The construction process was guided with theoretical and methodological rigor indicated by the literature and has demonstrated favorable evidences of content validity. Evidences of validity based on internal structure, criterion-related validity and reliability were established. These results reinforce the potential of IDADI for multidimensional assessment of child development in the Brazilian context, both in clinical and research contexts. Future studies will be conducted to stablish norms for interpretation, to create a short version for use in child care programs and a child direct assessment version including developmental tasks.

Key-Words: Child development assessment instruments; validity evidences; reliability evidences; Classical Test Theory; Rasch Model.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil é compreendido, nas concepções mais atuais, em uma perspectiva dialética, que enfatiza a interconexão do indivíduo e do contexto (Sameroff, 2010; Lerner, 2006). Sua análise engloba as conexões entre diferentes influências que afetam as crianças e não apenas o efeito principal de um nível específico de variáveis, como por exemplo, a biologia ou a cultura (Lerner, 2006). Em nível individual, o desenvolvimento infantil é entendido como um processo dinâmico e complexo, que envolve um progresso contínuo, com variação na sequência e no tempo de aquisição de um marco típico (Thomas, Cotton, Pan, & Ratliff-Schaub, 2012). Os marcos do desenvolvimento incluem comportamentos ou habilidades físicas, cognitivas e emocionais observadas em crianças à medida que elas crescem. Os vários domínios que constituem o desenvolvimento, tais como a cognição, comunicação e linguagem, motricidade, comportamentos adaptativos e habilidades socioemocionais, são complexos e inter-relacionados (Thomas et al., 2012; Boyle, Decoufle, & Yeargin-Allsopp, 1994).

Há um intervalo de tempo esperado para que a criança atinja um determinado marco desenvolvimental. Quando o surgimento da habilidade da criança é significativamente mais lento do que a média das crianças na mesma idade, é considerado que ela apresenta um atraso no desenvolvimento. A classificação de atraso é sempre determinada em relação ao desenvolvimento normativo dentro de uma dada população. Os pontos de corte que definem o atraso do desenvolvimento em uma população podem não ser assumidos para definir atraso em outra população. Além disso, em bebês e crianças muito jovens, a aquisição das habilidades pode diferir consideravelmente, o que pode se normalizar naturalmente com o decorrer dos meses (Fernald, Marchman, & Weisleder, 2013).

A qualidade do desenvolvimento na infância é um importante determinante da saúde do indivíduo ao longo de toda sua vida. O desenvolvimento saudável estabelece uma base essencial para o sucesso acadêmico, saúde, bem-estar geral e várias outras conquistas (Anderson et al., 2003; Denburg, 2015). Os atrasos no alcance dos marcos do desenvolvimento em um ou mais domínios podem representar um risco ao desenvolvimento infantil e ser sugestivo de vários transtornos, incluindo os neurodesenvolvimentais (American Psychiatric Association, [APA], 2014), os genéticos e os neuropsiquiátricos (Belsky, 2010). Os atrasos no desenvolvimento geralmente têm consequências como mau desempenho acadêmico, problemas de relacionamento, familiares, sociais e de funcionamento adaptativo (Velez, Talero-Gutierrez, Gonzalez-Reyes, 2007). Quando os atrasos são muito grandes eles podem estar associados a

transtornos do desenvolvimento, que são condições clínicas graves que perduram por toda a vida, causando considerável impacto nas famílias e no sistema público de saúde, além de substanciais custos financeiros e sociais (APA, 2014; Eapen et al., 2006).

A prevalência de crianças com atrasos de desenvolvimento em um ou mais domínios varia entre 16 e 18% na literatura internacional, mas estima-se que menos de um terço desses atrasos são detectados pelos profissionais de saúde (Brothers, Glasgoe, & Robertshaw, 2008; Committee on Children with Disabilities, 2001; Sices, Feudtner, McLaughlin, Drotar, & Williams, 2003). É estimado que os profissionais de saúde conseguem detectar apenas 30% das crianças com atrasos de desenvolvimento (Thomas et al., 2012) e, em geral, nas crianças que têm prejuízos mais graves. Esse problema é agravado ainda mais no Brasil pela falta de capacitação dos profissionais que trabalham na atenção básica de saúde (Silva, Ogata, & Machado, 2007). O déficit na detecção, provavelmente, se deve também à falta de utilização de instrumentos de avaliação ou ao uso de testes não validados ou padronizados (Brothers et al., 2008).

A detecção precoce dos atrasos é fundamental, já que a criança pode ter uma recuperação significativa dos prejuízos do desenvolvimento quando estes são identificados e tratados nos primeiros anos, devido à maior plasticidade cerebral nessa etapa da vida (Dennis et al., 2014; Grantham-McGregor et al., 2007). As transformações no cérebro e conexões sinápticas intensas potencializam o desenvolvimento infantil em seus múltiplos domínios (Bellman, Byrne, & Sege, 2013; Brant et al., 2013). Assim, quanto mais cedo o encaminhamento para as intervenções, maiores os benefícios para o desenvolvimento e as chances de amenizar as consequências de um transtorno (Anderson et al., 2003; Berlin, Brooks-Gunn, McCarton, & McCormick, 1998).

Diante do exposto, o uso sistemático de técnicas de rastreio dos marcos do desenvolvimento tem sido cada vez mais recomendado. O rastreio envolve uma avaliação global e breve para identificar crianças que devem receber um encaminhamento para uma avaliação diagnóstica ou intervenção (Committee on Children with Disabilities, 2001). Nos Estados Unidos, mesmo as crianças com baixo risco passam por rastreamento do desenvolvimento com instrumentos padronizados aos nove, 18 e 30 meses de vida (American Academy Pediatrics, 2006). O uso de instrumentos visa facilitar o trabalho de profissionais, requer menor expertise para a avaliação e permite a regularidade do follow-up do desenvolvimento infantil (Heiser et al., 2000). Em serviços públicos de saúde, essas técnicas podem representar um importante recurso para ajudar a melhorar a qualidade das avaliações e intervenções (Filgueiras, Pires, Maissonette, & Landeira-Fernandez, 2013).

No Brasil vem ocorrendo uma ampliação das políticas públicas voltadas à primeira

infância e um maior reconhecimento da importância da regularidade de acompanhamento do desenvolvimento infantil (Ministério da Saúde, 2012). Programas como o Primeira Infância Melhor (Schneider & Ramires, 2007) e o Criança Feliz (Lei nº 13.257, 2016) são bons exemplos. Além disso, após a epidemia de Zika vírus no Brasil e do incremento de 20 vezes no número esperado de casos de microcefalia (Botelho et al., 2016), a avaliação do desenvolvimento infantil tornou-se ainda mais proeminente. Entretanto, ainda há pouco investimento em medidas de avaliação do desenvolvimento infantil. No âmbito dos programas de Atenção Básica do Sistema Único de Saúde, o rastreamento do desenvolvimento é realizado com a Caderneta de Saúde da Criança e o Manual para Vigilância do Desenvolvimento Infantil, que permitem a avaliação de atrasos no desenvolvimento. Entretanto, Oliveira et al. (2012) encontraram um baixo índice de concordância entre as avaliações positivas para atrasos no desenvolvimento por estes dois instrumentos ($Kappa = 0,27$). Esse resultado sugere que estes instrumentos não têm validade ou sensibilidade adequada para o uso pretendido ou, que pelo menos um deles não está avaliando os marcos desenvolvimentais de forma válida e precisa.

Além disso, no Brasil há uma escassez de instrumentos padronizados, com dados normativos, para a avaliação de crianças na primeira e segunda infâncias (Mecca, Antônio, Rabelo, Valentini, & Macedo, 2014; Madaschi, Mecca, Macedo, & Paula, 2016). Estudos utilizaram instrumentos como a Bayley Scales of Infant Development (Andrade, Santos, Bastos, Pedromônico, Almeida-Filho, & Barreto, 2005; Eickmann, Malkes, & Lima, 2012; Fernandes et al., 2012; Ferreira, Melo, & Silva, 2014; Hentges et al., 2014; Silveira & Enumo, 2012), Battelle Developmental Inventory (Barros et al., 2006; Moura et al., 2010), o Denver Developmental Test (Pilz & Schermann, 2007; Torquato, Paes, Bento, Souto, Lima, & Abreu, 2011), o Ages and Stages Questionnaire (Cruz, Pedroso, & Dias, 2014; Barba, Rizzo, & Serrano, 2015; Dias, Pedroso, & Santos, 2016) e a Escala Brasileira de Desenvolvimento do Comportamento da Criança no primeiro ano de Vida (Linhares, Carvalho, Machado, & Martinez, 2003). De todos estes instrumentos, somente o Ages and Stages (Filgueiras, Pires, Maissonette, & Landeira-Fernandez, 2013), a Bayley-III (Madaschi et al., 2016) e a Escala Brasileira de Desenvolvimento do Comportamento da Criança no primeiro ano de Vida (Pinto, Vilanova, & Vieira, 1997) têm estudos de validação para a cultura brasileira. Mesmo assim, a Bayley-III não possui estudo de normas para a população nacional, devendo o seu uso ser limitado ao contexto da pesquisa (Madaschi et al., 2016).

O Ages and Stages Questionnaire-3 (ASQ-3) avalia o desenvolvimento de crianças com idades entre 2 e 66 meses. É composto por 21 questionários com 30 itens cada, que avaliam cinco domínios: comunicação, motricidade ampla, motricidade fina, resolução de problemas e habilidades pessoais-sociais. Cada domínio abrange seis itens, sendo alguns deles ilustrados

com figuras para facilitar o entendimento. A apuração dos resultados é feita pela atribuição de pontos aos itens. Estes resultados são transferidos para uma folha que fornece gráficos do desenvolvimento da criança (Cruz et al., 2014; Filgueiras et al., 2013). Os parâmetros para estabelecimentos de normas foram analisados com uma amostra de 18.942 crianças de creches do Rio de Janeiro, com idades entre 10 meses e 57 meses (Filgueiras et al., 2013). Entretanto, não foram encontradas publicações com as normas e o manual do ASQ-3 ainda não é comercializado no contexto nacional. A Escala Brasileira de Desenvolvimento do Comportamento da Criança no Primeiro Ano de Vida (EDCC; Pinto et al., 1997) avalia o desenvolvimento da criança de 1 a 12 meses incompletos em três domínios denominados: anatômico corporal (axial ou apendicular), estimulação (espontâneo ou estimulado) e função (não comunicativo ou comunicativo). Este instrumento foi publicado pela Editora Casa do Psicólogo e possui evidências de validade e normas para o contexto brasileiro. O instrumento pode ser utilizado por pediatras, neurologistas, fonoaudiólogos, pedagogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais e outros profissionais que atuam na área clínica, na saúde ou educação. Contudo, os itens deste instrumento abrangem, quase exclusivamente, o desenvolvimento da motricidade e da comunicação.

Diante da importância de avaliar o desenvolvimento infantil, dos poucos instrumentos existentes no contexto brasileiro e das limitações dos instrumentos existentes, a presente tese teve como objetivo construir o Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IDADI). Para a construção, foram realizados três estudos descritos nesta tese. O Estudo I apresenta uma revisão sistemática da literatura que objetivou identificar os instrumentos mais utilizados para a avaliação dos marcos do desenvolvimento infantil e suas propriedades psicométricas. Ele forneceu as bases para a seleção dos domínios desenvolvimentais que foram incluídos no IDADI, bem como os instrumentos internacionais que serviram como fonte de itens para a avaliação desses domínios. Além disso, ele forneceu as bases teóricas para a validade de conteúdo do instrumento. O Estudo II apresenta os procedimentos teóricos e metodológicos de construção do IDADI e a análise de evidências de validade de conteúdo. Finalmente, o Estudo III apresenta as análises de evidências de validade e fidedignidade do IDADI, fundamentadas em pressupostos da Teoria Clássica dos Testes e na psicometria moderna com a aplicação do modelo de Rasch.

A versão do IDADI construída neste trabalho foi baseada no relato das mães. Algumas vantagens de utilizar o relato dos pais no rastreamento do desenvolvimento dos filhos incluem: 1) o maior conhecimento sobre as habilidades de seus filhos, com observação diária em uma variedade de contextos e situações; 2) os pais fornecem informações retrospectivas sobre a evolução do desenvolvimento da criança, em intervalos específicos de tempo, que não poderiam

ser acessadas em um momento único de avaliação; 3) oferecem algumas vantagens sobre a avaliação em contexto clínico, já que os pais podem observar habilidades e comportamentos da criança em ambiente natural, menos influenciado por fatores contextuais e pela falta de familiaridade com um examinador; e 4) propiciam uma perspectiva vantajosa do ponto de vista custo-efetividade e tempo-eficiência para a avaliação geral da criança, podendo ser comparada com as avaliações do profissional. Algumas preocupações em relação a esse tipo de avaliação referem-se à fidedignidade do relato dos pais, podendo apresentar problemas como falta de conhecimento para avaliação de alguns aspectos do desenvolvimento, pouca atenção em relação à criança, dificuldades de se recorrer à memória, distorção de informações sobre marcos do desenvolvimento inicial quando a criança é mais velha, entre outros (Hegde & Pomaville, 2012; Luyster, Qiu, Lopez, & Lord, 2007; Boudreau, 2005). Entretanto, apesar dessas ressalvas, estudos têm mostrado correlações moderadas a fortes entre informações fornecidas pelos pais e avaliações realizadas pelos profissionais, sugerindo que os pais podem ser fontes fidedignas de informação (Dinnebeil & Rule, 1994; Conti-Ramsden, Simkin, & Pickles, 2006).

Não obstante estas limitações, estudos de investigação das propriedades de instrumentos baseados em relato têm demonstrado evidências de validade convergente e de critério concorrente ao correlacionarem-se com os escores de testes de avaliação direta realizados por profissionais (Deakin-Bell, Walker, & Badawi, 2013; Gollenberg, Lynch, Jackson, McGuinness, & Msall, 2010; Simard, Luu, & Gosselin, 2012). Resultados favoráveis relacionados à correlação com variáveis externas também têm reforçado a utilidade do emprego deste tipo de instrumento. Por exemplo, têm sido reportadas correlações com o desempenho acadêmico de crianças no jardim de infância, idade, e identificação de crianças matriculadas em serviços especiais de educação e crianças classificadas com atraso grave de desenvolvimento (Gollenberg et al., 2010; Ireton & Glascoe, 1995).

A decisão por construir um novo instrumento se deu principalmente pela vantagem de permitir a inclusão de novos itens que não constam nos instrumentos já existentes (Costa, Bandeira & Nardi, 2013). A construção do IDADI considerou as especificidades e hábitos das crianças brasileiras, além de diferenças regionais de linguagem que podem afetar a validade de conteúdo de um instrumento. A equivalência do construto, administração e formato do teste podem variar de uma cultura para outra. Além disso, há uma tendência de não se encontrar indicadores tão bons de fidedignidade e validade em outra cultura quando os instrumentos foram elaborados em contextos muito diferentes (Hambleton, Merenda, & Splelberger, 2005). Ainda, um instrumento construído no contexto nacional elimina os problemas da concessão de licenças pelas editoras estrangeiras. A vantagem de construir o IDADI é poder fazer adaptações nos itens, versões reduzidas e adaptá-lo para outros formatos de aplicação sem restrições.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO

O trabalho científico desenvolvido nesta tese possibilitou a construção de um instrumento originalmente brasileiro para a avaliação de crianças. O Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IDADI) foi criado com o rigor sugerido pela literatura e as análises preliminares de validade e fidedignidade fornecem evidências da qualidade do processo. Cada um dos três estudos que integram a tese tiveram uma importância essencial para o desenvolvimento do IDADI. Os procedimentos individuais ocasionaram mudanças substanciais no instrumento, atestando a importância de realizar um processo exaustivo quando se pretende o construir uma medida.

Destaca-se a importância central dos procedimentos que visaram garantir a validade de conteúdo do IDADI. Dois, dos três estudos realizados nesta tese, se dedicaram a fornecer a fundamentação teórica para o desenvolvimento do instrumento. O Estudo 3 forneceu indicadores empíricos de que o IDADI mede o que se propõe a medir, confirmando que o teste possui validade de conteúdo. Considera-se este como o tipo de validade mais essencial, sem a qual as outras pouco representariam. Adicionalmente, as demais evidências psicométricas atestaram o potencial futuro que poderá ter o instrumento.

Contudo, ressalta-se que a presente tese é apenas o início do trabalho com o IDADI. Estudos com uma amostra maior e mais heterogênea se fazem necessários para o desenvolvimento de normas de interpretação. A definição de pontos de corte para identificação de atrasos ou problemas mais graves de desenvolvimento é essencial para possibilitar o uso do instrumento. Além disso, pretende-se a construção de uma versão de rastreamento do desenvolvimento para ser utilizada de forma livre em programas de atenção à criança no contexto brasileiro. Ainda, objetiva-se a criação de uma versão do IDADI para avaliação direta da criança, incluindo brincadeiras valorizadas no contexto brasileiro e considerando os interesses atuais das crianças. Espera-se que o principal produto dessa tese possa ser uma pequena contribuição ao desafio de identificar problemas de desenvolvimento em crianças na primeira e segunda infâncias no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Adams, C. D., Hillman, N., & Gaydos, G. R. (1994). Behavioral difficulties in toddlers: Impact of socio-cultural and biological risk factors. *Journal of Clinical Child Psychology*, 23(4), 373-381. doi.org/10.1207/s15374424jccp2304_3
- American Academy Pediatrics. (2006). Identifying infants and young children with developmental disorders in the medical home: an algorithm for developmental surveillance and screening. *Pediatrics*, 118(1), 405-420. doi.org/10.1542/peds.2006-1231
- American Psychiatric Association [APA]. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5®)*. Porto Alegre: Artmed.
- American Psychological Association, American Educational Research Association, & National Council on Measurement in Education [APA, AERA & NCME]. (2014). *Standards for educational and psychological testing*. Washington: American Educational Research Association.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica* (7th ed.). Porto Alegre: ArtMed.
- Anderson, L. M., Shinn, C. Fullilove, M. T., Scrimshaw, S.C. Fielding, J. E., Normand, J., ... & the Task Force on Community Preventive Services. (2003). The Effectiveness of Early Childhood Development Programs: A Systematic Review. *American Journal of Preventive Medicine*, 24 (Suppl. 3), 32-46.
- Andrade, D. F., Tavares, H. R., Valle, R. C. (2000). *Teoria de Resposta ao Item: Conceitos e Aplicações*. São Paulo: ABE - Associação Brasileira de Estatística.
- Andrade, S. A., Santos, D. N., Bastos, A. C., Pedromônico, M. R. M., Almeida-Filho, N. D., & Barreto, M. L. (2005). Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. *Revista de Saúde Pública*, 39(4), 606-611. doi.org/10.1590/S0034-89102005000400014
- Andrich, D. (1978). A rating formulation for ordered response categories. *Psychometrika*, 43(4), 561-573. doi.org/10.1007/BF02293814
- Anselmi, L., Barros, F. C., Minten, G. C., Gigante, D. P., Horta, B. L., & Victora, C. G. (2008). Prevalence and early determinants of common mental disorders in the 1982 birth cohort, Pelotas, Southern Brazil. *Revista de Saúde Pública*, 42(2), 25-32. doi.org/10.1590/S0034-89102008000900005
- Ardila, A., Rosselli, M., Matute, E., & Guajardo, S. (2005). The Influence of the Parents' Educational Level on the Development of Executive Functions. *Developmental Neuropsychology*, 28(1), 539-560. doi.org/10.1207/s15326942dn2801_5
- Bala, G., & Katić, R. (2009). Sex differences in anthropometric characteristics, motor and cognitive functioning in preschool children at the time of school enrolment. *Collegium Antropologicum*, 33, 1071-1078. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20102050>
- Barba, P., Rizzo, I., & Serrano, A. (2015). Ages and Stages Questionnaires, a facilitator system of parental involvement and knowledge of child development. *Revista Portuguesa de Terapia da Fala*, 04, 21-27. doi.org/10.21281/rptf.2015.04.04
- Barbu, S., Nardy, A., Chevrot, J. P., Guelläi, B., Glas, L., Juhel, J., & Lemasson, A. (2015). Sex differences in language across early childhood: Family socioeconomic status does not impact boys and girls equally. *Frontiers in Psychology*, 6, 187. doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01874

- Barros, A. J., Santos, I. D. S. D., Victora, C. G., Albernaz, E. P., Domingues, M. R., Timm, I. K., ... & Barros, F. C. (2006). The 2004 Pelotas birth cohort: methods and description. *Revista de Saúde Pública*, 40(3), 402-413. doi.org/10.1590/S0034-89102006000300007
- Barros, A., Matijasevich, A., Santos, I., & Halpern, R. (2009). Child development in a birth cohort: effect of child stimulation is stronger in less educated mothers. *International Journal of Epidemiology*, 39(1), 285-294. doi.org/10.1093/ije/dyp272
- Bastos, J. L., Celeste, R. K., Faerstein, E., & Barros, A. J. D. (2010). Racial discrimination and health: a systematic review of scales with a focus on their psychometric properties. *Social Science and Medicine*, 70, 1091–1099. doi.org/10.1016/j.socscimed.2009.12.20
- Bauer D. J., Goldfield B. A., Reznick J. S. (2002). Alternative approaches to analyzing individual differences in the rate of early vocabulary development. *Appl. Psycholinguist*. 23 313–335. doi.org/10.1017/s0142716402003016
- Bayley, N. (2006). *Bayley Scales of Infant and Toddler Development (3rd ed)*. San Antonio, TX: The Psychological Corporation.
- Bellman, M., Byrne, O., & Sege, R. (2013). Developmental Assessment of Children. *British Medical Journal*, 346(15), e8687. doi.org/10.1136/bmj.e8687
- Belsky, J. (2010). *Desenvolvimento humano: experienciando o ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Berlin, L.J., Brooks-Gunn, J., McCarton, C., & McCormick, M.C. (1998). The effectiveness of early intervention: examining risk factors and pathways to enhanced development. *Preventive Medicine*, 27, 238–245. doi.org/10.1002/9780470755778.ch5
- Black, M., Perez-Escamilla, R., & Fernandez Rao, S. (2015). Integrating Nutrition and Child Development Interventions: Scientific Basis, Evidence of Impact, and Implementation Considerations. *Advances in Nutrition: An International Review Journal*, 6(6), 852-859. doi.org/10.3945/an.115.010348
- Bond, T. G., & Fox, C. M. (2015). *Applying the Rasch Model: Fundamental measurement in the human sciences* (3rd. ed.). New York, NY: Routledge.
- Boone, W. J., Staver, J. R., & Yale, M. S. (2014). *Rasch analysis in the human sciences*. New York, NY: Springer.
- Bornstein, M. H., & Bradley, R. H. (Eds.). (2014). *Socioeconomic status, parenting, and child development*. United Kingdom: Routledge.
- Botelho, A., Neri, L., Silva, M., Lima, T., Santos, K., & Cunha, R. et al. (2016). Presumed congenital infection by Zika virus: findings on psychomotor development - a case report. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 16, 39-44. doi.org/10.1590/1806-9304201600s100004
- Boudreau, D. (2005). Use of a parent questionnaire in emergent and early literacy assessment of preschool children. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*, 36(1), 33-47. doi.org/10.1044/0161-1461(2005/004)
- Boyle, C.A., Decoufle, P., & Yeargin-Allsopp, M. (1994). Prevalence and health impact of developmental disabilities in US children. *Pediatrics*, 93, 399-403.
- Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2002). Socioeconomic status and child development. *Annual Review of Psychology*, 53(1), 371-399. doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135233
- Brant, A. M., Munakata, Y., Boomsma, D. I., Defries, J. C., Haworth, C. M. A., Keller, M. C., ... Hewitt, J. K. (2013). The nature and nurture of high IQ: an extended sensitive period for intellectual development. *Psychological Science*, 24(8), 1487–95. doi.org/10.1177/0956797612473119

- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Bright Futures Steering Committee, & Medical Home Initiatives for Children with Special Needs Project Advisory Committee. (2006). Identifying infants and young children with developmental disorders in the medical home: An algorithm for developmental surveillance and screening. *Pediatrics*, *118*(1), 405-420. doi:10.1542/peds.2006-1231
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In R. M. Lerner (Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development, Vol. 12* (6th ed., pp. 793–828). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Brothers, K. B., Glascoe, F. P., & Robertshaw, N. S. (2008). PEDS: Developmental milestones – an accurate brief tool for surveillance and screening. *Clinical Pediatrics*, *47*(3), 271-279. doi.org/10.1177/0009922807309419
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research* (2nd ed.). New York, NY: The Guilford Press.
- Carroll, J. B. (1993). *Human cognitive abilities: A survey of factor-analytic studies*. New York: Cambridge University Press.
- Carter, A., Briggs-Gowan, M., & Davis, N. (2004). Assessment of young children's social-emotional development and psychopathology: Recent advances and recommendations for practice. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *45*(1), 109-134. doi.org/10.1046/j.0021-9630.2003.00316.x
- Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, *7*(3), 309–319. doi.org/ 10.1037/1040-3590.7.3.309.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Committee on Children with Disabilities. (2001). Developmental surveillance and screening of infants and young children. *Pediatrics*, *108*,192-195. Retrieved from <http://pediatrics.aappublications.org/content/108/1/192>
- Committee on Integrating the Science of Child Development. (2000). *From neurons to neighborhoods: the science of child development*. Washington DC: National Academy Press.
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução No 466*, de 12 de dezembro de 2012. Retrieved from conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf.
- Conti-Ramsden, G., Simkin, Z., & Pickles, A. (2006). Estimating familial loading in SLI: a comparison of direct assessment versus parental interview. *Journal of Speech, Language & Hearing Research*, *49*(1), 88-101. doi.org/10.1044/1092-4388(2006/007)
- Costa, A. B., Bandeira, D.R., & Nardi, H.C. (2013). Systematic review of instruments measuring homophobia and related constructs. *Journal of Applied Social Psychology*, *43*(6), 1324–1332. doi.org/10.1111/jasp.12140
- Costa, A. B. & Zoltowski, A. P. C. (2014). Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: S. H. Koller; M. C. P. Couto; J. V. Hohendorff. (Eds.). *Manual de Produção Científica*, (1st ed., pp. 55-70.). Porto Alegre: Penso.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, E. J. S. D., Pedroso, J. D. S., & Dias, G. B. (2014). Estudo do "Ages and Stages Questionnaires" com cuidadores de crianças institucionalizadas. *Psico USF*, *19*(3), 411-420. doi.org/10.1590/1413-8271201401900300

- Dancey, C., & Reidy, J. (2006). *Estatística Sem Matemática Para Psicologia: Usando o SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artmed
- de Moura, D., Costa, J., Santos, I., Barros, A., Matijasevich, A., & Halpern, R. et al. (2010). Risk factors for suspected developmental delay at age 2 years in a Brazilian birth cohort. *Paediatric And Perinatal Epidemiology*, *24*(3), 211-221. doi.org/10.1111/j.1365-3016.2010.01115.x
- Deakin-Bell, N., Walker, K., & Badawi, N. (2013). The accuracy of parental concern expressed in the Ages and Stages Questionnaire to predict developmental delay. *Journal of Paediatrics and Child Health*, *49*(2), 133–136. doi.org/10.1111/jpc.12084
- Dennis, M., Spiegler, B. J., Simic, N., Sinopoli, K. J., Wilkinson, A., Yeates, K. O., ... & Fletcher, J. M. (2014). Functional plasticity in childhood brain disorders: When, what, how, and whom to assess. *Neuropsychology Review*, *24*(4), 389-408. doi.org/10.1007/s11065-014-9261-x
- DeVellis, R. F. (2003). *Scale development: Theory and applications* (2nd ed.). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Dias, G., Pedroso, J., & Santos, A. (2015). Avaliação de Desenvolvimento de Bebês em Acolhimento Institucional com “Ages and Stages Questionnaires”. *Mudanças - Psicologia Da Saúde*, *23*(2), 1-7. doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v23n2p1-7
- Dinnebeil, L. A., & Rule, S. (1994). Congruence between parents' and professionals' judgments about the development of young children with disabilities: a review of the literature. *Topics in Early Childhood Special Education*, *14*(1), 1-25. doi.org/10.1177/027112149401400105
- Dollaghan, C. A., Campbell, T. F., Paradise, J. L., Feldman, H. M., Janosky, J. E., Pitcairn, D. N., et al. (1999). Maternal education and measures of early speech and language. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, *42*, 1432–1443. doi.org/10.1044/jslhr.4206.1432
- Duncan, G. J., & Brooks-Gunn, J. (2000). Family poverty, welfare reform, and child development. *Child development*, *71*(1), 188-196. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10836573>
- Eamon, M. K. (2001). The effects of poverty on children's socioemotional development: An ecological systems analysis. *Social Work*, *46*(3), 256-266. doi.org/10.1093/sw/46.3.256
- Eapen, V., Zoubeidib, T., Yunisc, F., Gururajd, A. K., Sabrie, S., & Ghubasha, R. (2006). Prevalence and psychosocial correlates of global developmental delay in 3-year-old children in the United Arab Emirates. *Journal of Psychosomatic Research*, *61*(3), 321–326. doi.org/10.1016/j.jpsychores.2006.05.012
- Earls, M. F., & Hay, S. S. (2006). Setting the stage for success: implementation of developmental and behavioral screening and surveillance in primary care practice—the North Carolina Assuring Better Child Health and Development (ABCD) Project. *Pediatrics*, *118*(1), e183-e188. doi.org/10.1542/peds.2006-0475
- Eickmann, S., Malkes, N., & Lima, M. (2012). Psychomotor development of preterm infants aged 6 to 12 months. *Sao Paulo Medical Journal*, *130*(5), 299-306. doi.org/10.1590/s1516-31802012000500006
- Eriksson, M., Marschik, P.B., Tulviste, T., Almgren, M., et al. (2012). Differences between girls and boys in emerging language skills: Evidence from 10 language communities. *British Journal of Developmental Psychology*, *30*, 326–343. doi.org/10.1111/j.2044-835x.2011.02042.x
- Feingold, A. (1992). Sex differences in variability in intellectual abilities: A new look at an old controversy. *Review of Educational Research*, *62*(1), 61-84. doi.org/10.3102/00346543062001061

- Fenson L., Dale P. S., Reznick J. S., Bates E., Thal D. J., Pethick S. J. (1994). Variability in early communicative development. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59(5), 1–173. doi.org/10.1111/j.1540-5834.1994.tb00173.x.
- Fernald, A., Marchman, V. A., and Weisleder, A. (2013). SES differences in language processing skill and vocabulary are evident at 18 months. *Developmental Science*, 16, 234–248. doi.org/10.1111/desc.12019
- Fernald, L. C. H., Kariger, P., Engle, P., & Raikes, A. (2009). *Examining Early Child Development in Low Income Countries: A Toolkit for the Assessment of Children in the First Five Years of Life*. Washington, DC: The World Bank.
- Fernandes, L., Goulart, A., Santos, A., Barros, M., Guerra, C., & Kopelman, B. (2012). Neurodevelopmental assessment of very low birth weight preterm infants at corrected age of 18-24 months by Bayley III scales. *Jornal de Pediatria*, 88(6):471-478. doi.org/10.2223/jped.2230
- Ferreira, R., Mello, R., & Silva, K. (2014). Neonatal sepsis as a risk factor for neurodevelopmental changes in preterm infants with very low birth weight. *Jornal De Pediatria*, 90(3), 293-299. doi.org/10.1016/j.jpmed.2013.09.006
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística utilizando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed-Bookman.
- Filgueiras, A., Pires, P., Maissonette, S., & Landeira-Fernandez, J. (2013). Psychometric properties of the Brazilian-adapted version of the Ages and Stages Questionnaire in public child daycare centers. *Early Human Development*, 89(8): 561–576. doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2013.02.005
- First, L. R., & Palfrey, J. S. (1994). The infant or young child with developmental delay. *The New England Journal of Medicine*, 330(7): 478F83. doi.org/10.1056/NEJM199402173300708
- Frankenburg, W. K., Dodds, J., Archer, P., Bresnick, B., Maschaka, P., Edelman, N., & Shapiro, H. (1996). *Denver II: Technical manual*. Denver, Colorado: Denver Developmental Materials, Incorporated.
- Galsworthy, M. J., Dionne, G., Dale, P. S., & Plomin, R. (2000). Sex differences in early verbal and non-verbal cognitive development. *Developmental Science*, 3(2), 206-215. doi.org/10.1111/1467-7687.00114
- Galvão, T. F., Pansani, T. S. A. & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335-342. https://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017
- Geary, D. C. (1998). Developmental sex differences. In D. C. Geary (Ed.), *Male, female: The evolution of human sex differences*, (2nd ed., pp. 209-258). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Geisinger, K. F. (1994). Cross-cultural normative assessment: Translation and adaptation issues influencing the normative interpretation of assessment instruments. *Psychological assessment*, 6(4), 304. doi.org/10.1037/1040-3590.6.4.304.
- Gerber, R., Wilks, T., & Erdie-Lalena, C. (2010). Developmental Milestones: Motor Development. *Pediatrics in Review*, 31(7), 267-277. doi.org/10.1542/pir.31-7-267
- Gjersing, L., Caplehorn, J., & Clausen, T. (2010). Cross-cultural adaptation of research instruments: language, setting, time and statistical considerations. *BMC Medical Research Methodology*, 10(1). doi.org/10.1186/1471-2288-10-13
- Glascoe, F. (2001). Are Overreferrals on Developmental Screening Tests Really a Problem? *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 155(1), 54. doi.org/10.1001/archpedi.155.1.54

- Gleason, M. M. (2010). Recognizing young children in need of mental health assessment: Development and preliminary validity of the Early Childhood Screening Assessment. *Infant Mental Health Journal, 31*, 335–357. doi.org/10.1002/imhj.20259
- Gogtay, N., & Giedd, J. (2004). Dynamic mapping of human cortical development during childhood through early adulthood. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America, 101*(21). Retrieved from www.pnas.org/content/101/21/8174.short
- Grantham-McGregor, S., Cheung, Y. B., Cueto, S., Glewwe, P., Richter, L., Strupp, B., & International Child Development Steering Group. (2007). Developmental potential in the first 5 years for children in developing countries. *The Lancet, 369*(9555), 60-70. doi.org/10.1016/s0140-6736(07)60032-4
- Hackman, D. A., & Farah, M. J. (2009). Socioeconomic status and the developing brain. *Trends in Cognitive Sciences, 13*(2), 65-73. doi:10.1016/j.tics.2008.11.003
- Hambleton, R. K., & Jones, R. W. (1993). Comparison of classical test theory and item response theory and their applications to test development. *Educational Measurement: Issues and Practice, 12*(3), 38-47. doi.org/10.1111/j.1745-3992.1993.tb00543.x
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hambleton, R. K., & Swaminathan, H. (2010). *Item response theory: principles and applications*. Boston: Kuwer Nijhoff Publishing.
- Hart B, Risely TR (1995). *Meaningful Differences in the Everyday Experiences of American Children*. Baltimore: Brookes Publishing.
- Hegde, M. N. & Pomaville, F. (2012). Standard assessment. In M. N. Hegde & F. Pomaville (Eds.), *Assessment of communication disorders in children resources and protocols* (pp. 41-66). San Diego, United States: Plural Publishing Inc.
- Heiser, A., Curcin, O. Luhr, C., Grimmer, I., Metze, B., & Obladen, M. (2000). Parental and professional agreement in developmental assessment of very-low-birthweight and term infants. *Developmental Medicine & Child Neurology, 42*(1), 21-24. doi.org/10.1017/s0012162200000050
- Hentges, C., Silveira, R., Procianoy, R., Carvalho, C., Filipouski, G., & Fuentefria, R. et al. (2014). Association of late-onset neonatal sepsis with late neurodevelopment in the first two years of life of preterm infants with very low birth weight. *Jornal de Pediatria, 90*(1), 50-57. doi.org/10.1016/j.jpmed.2013.10.002
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contributions to Statistical Analysis*. Mérida: Universidade de Los Andes
- Hoff, E. (2003). The specificity of environmental influence: Socioeconomic status affects early vocabulary development via maternal speech. *Child Development, 74*(5), 1368-1378. doi.org/10.1111/1467-8624.00612
- Huttenlocher, P., & Dabholkar, A. (1997). Regional differences in synaptogenesis in human cerebral cortex. *Journal of Comparative Neurology, 178*, 167–178. doi/10.1002/(SICI)1096-9861(19971020)387.
- Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M. (2015). *Psicometria*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Jensen, A. R. (1998). *The g Factor: The Science of Mental Ability*. Westport: Greenwood Publishing Group.
- Johnson, S., & Marlow, N. (2006). Developmental screen or developmental testing? *Early Human Development, 82*(3), 173–83. doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2006.01.008

- Kaplan, R. M., & Saccuzzo, D. P. (2013). *Psychological testing: principles, applications, and issues* (8th ed.). Belmont, CA: Cengage Learning.
- Kapuscinski, A. N., & Masters, K. S. (2010). The current status of measures of spirituality: A critical review of scale development. *Psychology of Religion and Spirituality*, 2(4), 191. doi.org/10.1037/a0020498
- Ladhari, R. (2010). Developing e-service quality scales: A literature review. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 17, 464–477. doi.org/10.1016/j.jretconser.2010.06.003.
- Lansdown, R. G., Goldstein, H., Shah, P. M., Orley, J. H., Di, G., Kaul, K. K., et al. (1995). Culturally appropriate measures for monitoring child development at family and community level: A WHO collaborative study. *Bulletin of the World Health Organization*, 74(3), 283-290. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8789927>
- Laros, J. A., Tellegen, P. J., Jesus, G. R., & Karino, C. A. (2015). SON-R 2½-7[a]. *Teste não-verbal de inteligência*. São Paulo, SP: Hogrefe.
- Lei nº 13.257 (2016). *Institui o Programa Criança Feliz*. Retrieved from www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8869.htm
- Lerner, R. M. (2006). Developmental science, developmental systems, and contemporary theories of human development. In R. M. Lerner (Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development, Vol. 1* (6th ed., pp. 1–18). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Linacre, J. M. (2002). What do infit and outfit, mean-square and standardized mean? *Rasch Measurement Transactions*, 16(2), 878. Retrieved from www.rasch.org/rmt/rmt162f.htm
- Linacre, J. M. (2010). *A user's guide to Winsteps: Rasch-model computer programs*. Retrieved from www.winsteps.com
- Linacre, J. M., & Wright. (1994). (Dichotomous Mean-square) Chi-square fit statistics. *Rasch Measurement Transactions*, 8(2). Retrieved from www.rasch.org/rmt/rmt82a.html
- Linhares, M., Carvalho, A., Machado, C., & Martinez, F. (2003). Desenvolvimento de bebês nascidos pré-termo no primeiro ano de vida. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 13(25), 59-72. doi.org/10.1590/s0103-863x2003000200006
- Lovas G. S. (2011). Gender and patterns of language development in mother-toddler and father-toddler dyads. *First Lang.* 31 83–108. doi.org/10.1177/0142723709359241
- Luiz, D., Faragher, B., Barnard, A., Knoesen, N., Kotras, N., Burns, L. E., & Challis, D. (2006). *Griffiths Mental Development Scales–Extended Revised: 2 to 8 years – Analysis Manual*. Oxford, UK: Hogrefe.
- Luyster, R., Qiu, S., Lopez, K., & Lord, C. (2007). Predicting outcomes of children referred for autism using the MacArthur–Bates Communicative Development Inventory. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 50(3), 667-681. doi.org/10.1044/1092-4388(2007/047)
- Madaschi, V, Mecca, T.P., Macedo, E.C., & Paula, C.S. (2016). Bayley-III scales of infant and toddler development: transcultural adaptation and psychometric properties. *Paidéia*, 26(64):189-97. doi: 10.1590/1982-43272664201606
- Matson, J.L., Hess, J.A., Sipes, M., & Horovitz, M. (2010). Developmental profiles from the Battelle Developmental Inventory: A comparison of toddlers diagnosed with Down Syndrome, global developmental delay and premature birth. *Developmental Neurorehabilitation*, 13(4), 234–238. doi.org/10.3109/17518421003736032

- McLoyd, V. C. (1998). Socioeconomic disadvantage and child development. *American Psychologist*, 53(2), 185. doi.org/10.1037/0003-066x.53.2.185
- Mecca, T.P., Antônio, D. A. M., Rabelo, I.S., Valentini, F., & Macedo, E.C. (2014). Avaliação da Inteligência em Crianças Pré-Escolares. In A. G. Seabra, J. A. Laros, E.C. Macedo, & N. Abreu (Eds.), *Inteligência e Funções Executivas: avanços e desafios para a avaliação neuropsicológica* (pp. 141-156). São Paulo: Memnon.
- Mendonça-Filho, E. J. (2017). Evidências de Validade Relacionadas à Estrutura Interna da Escala Cognitiva do Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ministério da Saúde. (2012). Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento. Retrieved from 189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/caderno_33.pdf
- Mistry, R.S., Biesanz, J. C., Taylor, L. C.; Burchinal, M., & Cox, M. J. (2004). Family Income and its Relation to Preschool Children's Adjustment for Families in the NICHD Study of Early Child Care. *Developmental Psychology*, 40(5), 727-745. doi.org/10.1037/0012-1649.40.5.727
- Morgado, F., Meireles, J., Neves, C., Amaral, A., & Ferreira, M. (2017). Erratum to: Scale development: ten main limitations and recommendations to improve future research practices. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 30(1). doi.org/10.1186/s41155-017-0059-7
- Morley, D., Till, K., Ogilvie, P., & Turner, G. (2015). Influences of gender and socioeconomic status on the motor proficiency of children in the UK. *Human Movement Science*, 44, 150-156. doi.org/10.1016/j.humov.2015.08.022
- Moura, D. R., Costa, J. C., Santos, I. S., Barros, A. J. D., Matijasevich, A., Halpern, R., ... Barros, F. C. (2010). Risk factors for suspected developmental delay at age 2 years in a Brazilian birth cohort. *Paediatric and Perinatal Epidemiology*, 24(3), 211–221. doi.org/10.1111/j.1365-3016.2010.01115.x
- Mullen, E. M. (1995). *Mullen Scales of Early Learning – AGS Edition*. San Antonio, TX: Pearson.
- Newborg, J. (2005). *Battelle Developmental Inventory–Second Edition*. Itasca, IL: Riverside.
- Noble, K. G., McCandliss, B. D., & Farah, M. J. (2007). Socioeconomic gradients predict individual differences in neurocognitive abilities. *Developmental Science*, 10(4), 464-480. doi.org/10.1111/j.1467-7687.2007.00600.x
- Oliveira, L. L., Costa, V. M. R., Requeijo, M. R., Rebolledo, R. S., Pimenta, A. F., Lemos, S. M. A. (2012). Child development: agreement between the child health handbook and the guide for monitoring child development. *Revista Paulista de Pediatria*, 30(4), 479-485. doi.org/10.1590/S0103-05822012000400004
- Olness, K (2003). Effects on Brain Development Leading to Cognitive Impairment: A Worldwide Epidemic. *Journal Of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 24(2), 120-130. doi.org/10.1097/00004703-200304000-00009
- Özçalışkan Ş., Goldin-Meadow S. (2010). Sex differences in language first appear in gesture. *Developmental Science*, 13, 752–760. 10.1111/j.1467-7687.2009.00933.x
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Pasquali, L. (2010). Testes referentes a Construto: teoria e modelo de construção. In Luiz Pasquali. (Ed.), *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas* (pp. 165-198). Porto Alegre: Artmed.

- Pasquali, L. & Alves, A. (2010). Testes Referentes a Conteúdo: Medidas Educacionais e de Competências. . In Luiz Pasquali. (Ed.), *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas (pp. 199-241)*. Porto Alegre: Artmed.
- Petrill, S. A., Pike, A., Price, T., & Plomin, R. (2004). Chaos in the home and socioeconomic status are associated with cognitive development in early childhood: Environmental mediators identified in a genetic design. *Intelligence*, 32(5), 445-460. doi.org/10.1016/j.intell.2004.06.010
- Phillips, D. & Shonkoff, J. (2003). *From neurons to neighborhoods* (1st ed.). Washington, D.C.: National Academy press.
- Pienaar, A. E., & Kemp, C. (2014). South African journal for research in sport. *Physical Education and Recreation*, 36, 167–182.
- Pilz, E. M. L., & Schermann, L. B. (2007). Determinantes biológicos e ambientais no desenvolvimento neuropsicomotor em uma amostra de crianças de Canoas / RS. *Ciência E Saúde Coletiva*, 12(1), 181–190. doi.org/10.1590/S1413-81232007000100021
- Pilz, E. M., & Schermann, L. (2007). Determinantes biológicos e ambientais no desenvolvimento neuropsicomotor em uma amostra de crianças de Canoas/RS. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(1), 181-190. doi.org/10.1590/S1413-81232007000100021
- Pinto, E. B., & Vilanova, L. C., & Vieira, R. M. (1997). *O desenvolvimento do comportamento da criança no primeiro ano de vida: padronização de uma escala para a avaliação e o acompanhamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pivik, R. T., Andres, A., & Badger, T. M. (2011) Diet and gender influences on processing and discrimination of speech sounds in 3- and 6-month-old infants: a developmental ERP study. *Developmental Science*, 14, 700–712. doi.org/10.1111/j.1467-7687.2010.01019.x
- Pokropek, A. (2011). Missing by design: planned missing-data designs in social science. *Ask. Research & Methods*, 20, 81–105. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/250615619_Missing_by_Design_Planned_Missing-Data_Designs_in_Social_Science
- Primi, R. (2003). Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. *Avaliação psicológica*, 2(1), 67-77. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712003000100008
- R Core Team (2015). R: *A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria. Retrieved from www.R-project.org/.
- Reise, S. P., & Yu, J. (1990). Parameter recovery in the graded response model using MULTILOG. *Journal of educational Measurement*, 27(2), 133-144. doi.org/ 10.1111/j.1745-3984.1990.tb00738.x
- Rasch, G. (1960). *Probabilistic models for some intelligence and attainment tests*. Copenhagen: Danmarks Paedogogiske Institut.
- Revelle, W. (2015). *psych: Procedures for Personality and Psychological Research*. Evanston, Illinois. Retrieved from cran.r-project.org/package=psych Version = 1.5.8.
- Rizopoulos, D. (2006). ltm: An R package for latent variable modeling and item response theory analyses. *Journal of Statistical Software*, 17(5), 1–25. Retrieved from www.jstatsoft.org/v17/i05/
- Roberson, R. B., III, Elliott, T. R., Chang, J. E., & Hill, J. N. (2014). Exploratory factor analysis in rehabilitation psychology: A content analysis. *Rehabilitation Psychology*, 59(4), 429–438. doi.org/10.1037/a0037899.

- Rondal, J.A., Esperet, E., Gombert, J. P., Thibaut, J. P., & Comblain, A. (2007). Desenvolvimento da Linguagem Oral. In Puyuelo, M. & Rondal, J.A. (Org), *Manual de Desenvolvimento e Alterações da Linguagem na Criança e no Adulto (pp 17-86)*. Porto Alegre: Artmed.
- Rosselli, M. & Ardila, A. (2003). The impact of culture and education on non-verbal neuropsychological measurements: A critical review. *Brain and Cognition*, 52(3), 326-333. doi.org/10.1016/s0278-2626(03)00170-2.
- Rydz, D., Shevell, M., Majnemer, A., & Oskui, M. (2005). Developmental screening. *Journal of Child Neurology*, 1(20), 4-21. doi.org/10.1177/08830738050200010201.
- Sabanathan, S., Wills, B., & Gladstone, M. (2015). Child development assessment tools in low-income and middle-income countries: how can we use them more appropriately? *Archives of Disease in Childhood*, 100(5), 482–8. doi.org/10.1136/archdischild-2014-308114.
- Sameroff, A. (2010). A unified theory of development: A dialectic integration of nature and nurture. *Child Development*, 81(1), 6-22. doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01378.x
- Santos RS, Araújo AP, Porto MAS (2008). Early diagnosis of abnormal development of preterm newborns: Assessment instruments. *Jornal de Pediatria*, 84(4), 289-299. doi.org/10.1590/S0021-75572008000400003
- Scattoni, D., Raggio, D. J., & May, W. (2011). Comparison of the Vineland adaptive behavior scales, and the Bayley scales of infant and toddler development. *Psychological Reports*, 109(2), 626-634. doi.org/10.2466/03.10.pr0.109.5.626-634
- Schneider, A., & Ramires, V. R. (2007). *Primeira infância melhor: uma inovação em política pública*. Brasília, DF: UNESCO, Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul.
- Secombe, K. (2000). Families in poverty in the 1990s: Trends, causes, consequences, and lessons learned. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1094–1113. doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.01094.x
- Shala, M. (2009). Assessing gross motor skills of Kosovar preschool children. *Early Child Development and Care*, 179(7), 969-976. doi.org/10.1080/03004430701667452
- Sices, L. (2007). Use of developmental milestones in pediatric residency training. *Journal of Developmental Behavioral Pediatrics*, 28(1), 47–52. doi.org/10.1097/dbp.0b013e31803084c6
- Sices, L., Feudtner, C., McLaughlin, J., Drotar, D., & Williams, M. (2003). How do primary care physicians identify young children with developmental delays? A national survey. *Journal of Developmental Behavioral Pediatrics*, 24, 409-417. doi.org/10.1097/00004703-200312000-00002
- Silva, M. A., Mendonça-Filho, E. J., & Bandeira, D. R. (manuscrito elaborado para submissão). Construção do Inventário Dimensional de Avaliação do Desenvolvimento Infantil (IDADI).
- Silva, M. A., Mendonça-Filho, E. J., Mônico, B. G., & Bandeira, D. R. (manuscrito elaborado para submissão). Revisão Sistemática dos Instrumentos de Avaliação Multidimensional do Desenvolvimento Infantil.
- Silva, J. A. M. D., Ogata, M. N., & Machado, M. L. T. (2007). Capacitação dos trabalhadores de saúde na atenção básica: impactos e perspectivas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 9(2), 389 – 401. Retrieved from https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v9/n2/pdf/v9n2a08.pdf
- Silveira, K., & Enumo, S. (2012). Riscos biopsicossociais para o desenvolvimento de crianças prematuras e com baixo peso. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 335-345. doi.org/10.1590/s0103-863x2012000300005
- Simard, M. N., Luu, T. M., & Gosselin, J. (2012). Concurrent validity of ages and stages questionnaires in preterm infants. *Pediatrics*, 130(1), e108-e114. doi/10.1542/peds.2011-3532

- Simonsen H. G., Kristoffersen K. E., Bleses D., Wehberg S., Jørgensen R. N. (2014). The Norwegian Communicative Development Inventories: reliability, main developmental trends and gender differences. *First Lang*, 34, 3–23. doi:10.1177/0142723713510997
- Sparrow, S. S., Cicchetti, D. V., & Balla, D. A. (2005). *Vineland Adaptive Behavior Scales (2nd ed.)*. Circle Pines, MN: American Guidance Service.
- Squires, J., Twombly, E., & Bricker, D. (2009). *ASQ-3 Ages and stages questionnaires user's guide*. Lane County, OR: Brookes Publishing.
- Starfield, B. (2002). *Atenção Primária: equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Sveinbjornsdottir, S., & Thorsteinsson, E. B. (2008). Adolescent coping scales: A critical psychometric review. *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(6), 533-548. doi: 10.1111/j.1467-9450.2008.00669.x.
- Tamis-LeMonda, C. S., Shannon, J. D., Cabrera, N. J., & Lamb, M. E. (2004). Fathers and mothers at play with their 2-and 3-year-olds: contributions to language and cognitive development. *Child Development*, 75(6), 1806-1820. doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00818.x
- The International Fetal and Newborn Growth Standards for the 21st Century Study Protocol (INTERGROWTH-21st). (2011). *International Fetal and Newborn Growth Consortium*. Retrieved from www.intergrowth21.org.uk
- Thelen, E., & Smith, L. B. (2006). Dynamic systems theories. In R. M. Lerner (Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical Models of Human Development, Vol. 1* (6th ed., pp. 258–308). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Thomas, S. A., Cotton, W., Pan, X., & Ratliff-Schaub, K. (2012). Comparison of systematic developmental surveillance with standardized developmental screening in primary care. *Clinical Pediatrics*, 51(2), 154-159. doi.org/10.1177/0009922811420711
- Torquato, J. A., Paes, J. B., Bento, M. C. C., Souto, J. N., Lima, E. de A., & Abreu, L. C. (2011). Prevalência de atraso do desenvolvimento neuropsicomotor em pré-escolares. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*, 21(2), 259–268. doi.org/10.7322/jhgd.20014
- Urbina, S. (2014). *Essentials of psychological testing*. (2nd ed.). New Jersey: Wiley
- Velez, V. M. A., Talero-Gutierrez, C., & Gonzalez-Reyes, R. (2007). Prevalence of delayed neurodevelopment in children from Bogota, Colombia, South America. *Neuroepidemiology*, 29(1-2), 74-77. doi.org/10.1159/000109499
- Venetsanou, F., & Kambas, A. (2011). The effects of age and gender on balance skills in preschool children. *Physical Education and Sport*, 9, 81–90. Retrieved from
- Victora C. G., Barros F. C., Lima, R. C., Behague, D. P., Gonçalves, H. H. Bernardo L., G., Denise P., & Vaughan, J. P. (2003). The Pelotas birth cohort study, Rio Grande do Sul, Brazil, 1982-2001. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(5), 1241-1256. doi.org/10.1093/ije/dyi290
- Wang, Y.C., Byers, K.L., & Velozo, C.A. (2008). Rasch analysis of Minimum Data Set mandated in skilled nursing facilities. *Journal of Rehabilitation Research & Development*, 45(9), 1385-1399. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19319762>
- Wright, B.D. & Stone, M. H. (2004). *Making measures*. Chicago: Phaneron Press.

Comprovante de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Construção e estudo de evidências de validade de um Inventário Multidimensional de Avaliação de Marcos do Desenvolvimento Infantil

Pesquisador: Denise Ruschel Bandeira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 45991815.5.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.274.779

Apresentação do Projeto:

O projeto trata da construção de um instrumento de avaliação de marcos do desenvolvimento infantil e consiste em 3 estudos, sendo uma revisão sistemática da literatura, um estudo de construção dos itens de um inventário, e um estudo de evidências de validade e fidedignidade do instrumento criado.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos primários do projeto são construir e avaliar evidências de validade de um instrumento multidimensional de avaliação dos marcos do desenvolvimento infantil para avaliação de crianças de seis meses a seis anos de idade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos decorrentes da participação nos procedimentos são avaliados como mínimos, resumindo-se a cansaço ou mal-estar durante a realização. Não há benefícios diretos aos participantes. Os benefícios indiretos dizem respeito ao oferecimento à comunidade científica e profissional de um instrumento de avaliação de marcos do desenvolvimento infantil, e à futura produção de conhecimento sobre o assunto.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 1.274.779

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é meritório do ponto-de-vista científico, e relevante para o conhecimento sobre o tema e sua aplicação em situações como a clínica e a educação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As pendências em relação aos termos foram resolvidas.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências resolvidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_490734.pdf	10/08/2015 11:29:13		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo de Consentimento - Estudo Piloto.pdf	10/08/2015 11:28:26		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_490734.pdf	27/05/2015 22:18:39		Aceito
Outros	Ata e parecer.pdf	27/05/2015 22:17:45		Aceito
Folha de Rosto	folha rosto Monia.pdf	23/05/2015 10:43:21		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE Juízes.pdf	30/03/2015 23:44:12		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE Pais.pdf	30/03/2015 23:43:42		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto Mônia e Denise Comitê de Ética.pdf	30/03/2015 23:43:07		Aceito

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



Continuação do Parecer: 1.274.779

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 10 de Outubro de 2015

Assinado por:
Clarissa Marcell Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br